

# Avaliação Sócioambiental da População Humana do Entorno da UHE Curuá-Una-Santarém/PA

R. Oliveira,MPEG; R.H.C.Almeida,UFPa;G.H.Rebello,INPA;M.Rodrigues,UNICAMP;  
B.Barros.MPEG, J.Magalhães, UFPa;J.L.Gavina,MPEG;L.Forline,MPEG

## RESUMO

Estão descritos os resultados do primeiro ano de atividades do Projeto de P&D, realizado na bacia do rio Curuá-Una localizada a 80 Km de Santarém (Pa), no Baixo Amazonas, a.geração de energia elétrica é de responsabilidade da Celpa-Pará, com uma potencia instalada de 30Mwatts.Tendo como objetivos identificar e analisar o nível de organização social/política, padrão de vida e de pobreza, e a economia das populações além de elaborar um banco de dados e efetivar a transversalidade de projetos implementados na região,as atividades foram realizadas em 11 comunidades ao longo do lago. Com metodologias participativas, entrevistas semi-estruturadas, identificação de pessoas chave, reuniões e mapeamento do uso de recursos e capacitação de lideranças. Vivem no rio curuá-Una cerca de 1.900 pessoas, com 70% alfabetizados até a 4ª serie, com média de idade de 46 anos, para homens e mulheres e 17 para os jovens. Utilizam recursos naturais, e exercem atividades de agricultura, caça e pesca<sup>1</sup>

## PALAVRAS-CHAVE

Amazônia, energia e populações; meio-ambiente Rede Celpa; UHE e populações.

## I. INTRODUÇÃO

Desde o final dos anos 60, que o rio Curuá-Una tem sido afetado pela construção e funcionamento da Usina Hidretrática Sílvio Braga (UHE Curuá-Una). A água que alimenta o lago é proveniente do Rio Curuá-Una e de seus afluentes, os rios Moju, Mojuí e Poraquê. A represa cobre uma área de 100Km<sup>2</sup>, quando cheia( quota 68m acima do nível do mar. É alongada e estreita com uma largura máxima de aproximadamente 3km, a influencia do represamento estende-se além de 78km acima da barragem. A profundidade máxima perto da barragem é de

cerca de 17m, o volume total de 500 milhões de metros cúbicos de água. A profundidade média na quota é de 5,85m. Como a vegetação não foi retirada do local, antes do fechamento da barragem o que se vê é um cemitério arbóreo, algumas árvores apóiam epífitas e plantas parasitárias, abrigam também ninhos de aves , principalmente de rapina. A viagem nos rios deve ser feita nos canais entre as arvores que representam os antigos cursos fluviais antes da formação do reservatório. Nem todas as árvores estão intactas e ou revelam a e extensão de seus troncos , por conta da inundação dos rios.

A UHE Curuá-Una não pode ser enquadrada como um mega-empendimento, no seu sentido *strito*, da magnitude de Tucuruí, Balbina, ou Carajás, que tanto caracterizam a Amazônia dos últimos 30 anos, na polêmica era da “modernização” e “desenvolvimentismo” . Nesse sentido, não foi um projeto concebido nos moldes de um “consórcio de empresas de engenharia”, o seu grande mérito foi a solução “tecnológica inovadora” adota à época. Por se tratar de um projeto estruturante, isto é, aquele que faz a diferença para desencadear um processo de desenvolvimento na região e ao mesmo tempo, ser um projeto de infraestrutura, a maior geração de emprego e renda se restringiu ao período de construção da obra.

Seu impacto foi em menor escala, mas também exhibe seus danos, alguns ainda presentes, como veremos mais adiante. Ou seja, não deixou de causar danos ambientais ou de ser um desagregador social. A UHE Curuá-Una, em si, foi concebida e construída durante o regime militar brasileiro (1964-1985) sendo que nessa época não havia leis bem definidas ou rígidas que regulamentassem obras de desenvolvimento.

O projeto foi implementado sem muita discussão pela população beneficiada ou atingida, por ele. Tampouco foram realizados estudos de impacto ambiental (EIA-RIMA) para avaliar seus méritos sociais ou ambientais vis-à-vis os danos que causaria, instrumento da Política Nacional do Meio Ambiente e das resoluções do Conselho nacional do Meio Ambiente (CONAMA), que definem procedimentos para os licenciamentos de empreendimentos de grande porte, surgidos a partir da década de 80. Desse modo, quem fosse atingido teria que se adaptar às conseqüências que

<sup>1</sup> Esta pesquisa teve apoio financeiro da Rede CELPA e foi gerenciado pela FIDESA. Agradecemos aos moradores do Rio Curuá-Una pela receptividade e colhida.

R.Oliveira, B.Barros,L.Forline,J.L.Gavina - trabalham no Museu Paraense Emílio Goeldi(oliveira@museu-goeldi.br;bbarros@museu-goeldi.br;jorgeluzgavina@museu-goeldi.br; forline@museu-goeldi.br);

G.H.Rebello-trabalha no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazoniajacaré@inpa.gov.br);

R.H.C Almeida e J. Magalhães- estudam na Universidade Federal do Pará (rhalmeida@museu-goeldi.br e jmagalae@museu-goeldi.br)

M.Rodrigues, estuda na Universidade de Campinas(marcia grodrigues@terra.com.br)

viriam a se impor, quer no sentido social, quer no sentido ambiental. Além disso, não foram contempladas medidas compensatórias para as populações atingidas. Mais tarde, na década de 1980 e 1990, a rede CELPA introduziria alguns projetos ambientais, mas que não passaram de medidas paliativas para essas comunidades.

Em 2000 a Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL), por meio da Lei 9.991/2000, obriga as distribuidoras a destinar um por cento (1%) da sua receita operacional líquida em pesquisa e desenvolvimento. Enquadra-se nessa nova política a Rede CELPA, que passa a ter uma responsabilidade social, que pode ser interpretada como uma “dívida social”, por assim dizer, visto que a nova política visa, também, reparar danos feitos por projetos anteriores, projetos esses que foram implementados durante o regime militar e que apenas enxergavam o lado “desenvolvimentista” da equação, sem se preocupar com as conseqüências sócio-ambientais de seus empreendimentos, como foi o caso da UHE Curuá-Una. Dessa forma, as populações atingidas, antes vistas como empecilhos ao desenvolvimento, a “justa causa” do progresso, agora, sem dúvida, a nova situação representa uma resposta ainda que tardia (mais de 30 anos após o fato), mas que tem o mérito de criar um mecanismo positivo para as comunidades atingidas serem reparadas pelos danos causados e uma oportunidade de reconstruírem suas vidas de uma maneira sustentável.

O presente relatório apresenta resultados preliminares do primeiro ano de trabalho do Projeto Avaliação sócioambiental das populações do entorno da UHE- Curuá-Una.

## II. METODOLOGIA

A metodologia geral para o estudo implicou em metodologias específicas e respectivas técnicas pertencentes às áreas científicas integrantes. Assim, orientações teórico-metodológicas, técnicas e instrumentos de análise foram considerados nessa linha de trabalho de modo a aportar conhecimentos básicos complementares a um diagnóstico de natureza sócio-ambiental. Técnicas de pesquisa sócio-ambientais como pesquisa ação e pesquisa participante, associadas com os levantamentos, cartas georeferenciadas produzidas para este fim e análise dos relatórios produzidos decorrentes dos trabalhos de campo, permitiram definir indicadores, parâmetros e informações para o banco de dados e produção de documentos. Os conceitos considerados no projeto: no projeto foram: Comunidades - Sócio-economia

Índice de desenvolvimento humano Pobreza Tecnologias promissoras; Produtividade ecológica Produtividade econômica Produtividade humana: Planejamento participativo.

O levantamento secundário das informações existentes foi realizado por meio de pesquisas bibliográficas, prioritariamente junto as mais importantes bibliotecas de instituições públicas de ensino e pesquisa de Belém: a biblioteca do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), a do Núcleo de Altos Estudos da Amazônia (NAEA/UFPA), a da Embrapa Amazônia Oriental e a Universidade Federal

Rural da Amazônia (UFRA) e bibliotecas virtuais, tendo como objetivo identificar estudos e dados existentes sobre a área de pesquisa e a região. Complementarmente, foi realizada uma viagem a Santarém para levantamentos de informações junto aos escritórios regionais das instituições públicas federais (IBAMA, INCRA e FUNASA) e locais (Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Secretaria Municipal de Saúde) e organizações da sociedade civil (STR, Centro de Apoio aos Projetos de Ação Comunitária - CEAPAC). Estas visitas permitiram identificar ações públicas em andamento na área e projetos planejados, identificando-se assim a duplicação de esforços e possíveis antagonismos propostos nestas ações, ampliando o leque de informações que subsidiam nossas discussões. Como parte das atividades de pesquisa e desenvolvimento foram realizadas, neste primeiro ano de trabalho, cinco viagens de campo que tiveram como objetivo:

- O reconhecimento da área
- A identificação de lideranças
- A aplicação de questionários (entrevista formal e informal)
- A apresentação do projeto às comunidades
- A organização de reuniões com participação das comunidades (método PRA-Participatory Rural Appraisal)
- O mapeamento de uso dos recursos naturais
- A capacitação dos comunitários-Curso de Formação de Agentes em Desenvolvimento Comunitário.

As atividades desenvolvidas nesse último período foram realizadas nas comunidades de Bananeira, São José do Aru, Santa Maria do Aru, Xavier, Tambor, Castanheira, Água Branca, Poraquê, Porto Alegre, Porto Novo e Corta Corda. Após uma breve introdução às comunidades visitadas, onde a equipe de pesquisa se apresentava, delimitando os objetivos de seus trabalhos, foram feitas entrevistas utilizando um questionário de perguntas estruturadas e semi-estruturadas. Por via de regra, foram entrevistados aproximadamente 50% dos domicílios em cada comunidade. A equipe resolveu adotar essa medida por questões de tempo e recursos disponíveis, entrevistando apenas as casas ímpares de cada povoação. Mesmo assim, essa amostra é representativa dado que, de forma geral, as pesquisas realizadas na área de ciências sociais buscam amostras de, no mínimo, 10% para atingir a “representatividade” e eliminar dados tendenciosos[1]. Nas viagens de campo foram georeferenciadas vários locais ao longo do rio Curuá-Una e seus afluentes, utilizando os sistemas UTM e DMS.

Durante as reuniões aprofundamos mais os objetivos da nossa equipe. Tivemos uma participação expressiva de algumas comunidades, particularmente Poraquê. Procurávamos realizar esses encontros em centros comunitários ou em locais que fossem de fácil acesso para todos os residentes. Foram conduzidas de forma interativa sendo que, além da equipe do MPEG explicar o propósito do projeto, utilizando recursos visuais, os moradores também tiveram uma oportunidade de intervir e pedir esclarecimentos ou opinar sobre os assuntos em pauta. Para melhorar a participação comunitária e promover um diálogo maior entre

os moradores, dividimos cada sessão em grupos para discutirem o projeto entre si. No final da reunião cada grupo apresentava o que entendia do projeto e como ele seria executado. No saldo final, avaliamos que as comunidades entenderam bem o propósito da nossa visita e o projeto, de modo geral. Explicamos, também, que se trata de um projeto de longa duração (um ano e meio) e que cada local teria que eleger dois representantes (um homem e uma mulher) para participar de cursos de capacitação e elaboração de projetos. O mapeamento também foi realizado de maneira participativa e interativa, onde os moradores foram convidados a designar seus locais de pesca, agricultura, extrativismo e caça. Essas áreas também serão plotadas para localizar a utilização de recursos no mapa do reservatório. Os dados colhidos com o questionário foram inseridos em um banco de dados.

### III. RESULTADOS

A população total na área do entorno do rio Curuá-Una (118 Km<sup>2</sup>-calculada a partir da área de uso declarada pelos moradores no mapeamento) é estimada em 1.900 mil pessoas. Com uma densidade populacional de 16,6 habitantes/Km<sup>2</sup>. Foram entrevistadas 183 famílias (50% em cada comunidade), totalizando 991 pessoas. Com 53,5% de homens e 46,4% de mulheres, distribuídos ao longo do rio, com uma média de idade de 46,5 anos, para os adultos e com uma média de 17,8 anos de idade para os dependentes. O grau de instrução dessa população 70% alfabetizados até a 4ª série, com a maioria sem completar o primeiro grau, a fim de tornar o trabalho factível no prazo e com os recursos disponíveis optamos por priorizar as comunidades que sofrem influência direta do manejo das comportas do reservatório, segundo as necessidades estabelecidas para a produção de energia elétrica.

Numa avaliação rápida observa-se, que as pessoas que residem no entorno do reservatório representam uma população relativamente nova. Ou seja, uma população recém-chegada à região. A origem da população que hoje habita a região está assim distribuída: 68,85% nascidos no estado do Pará, 31,15% são de outros estados do Brasil, e 50,82% do município de Santarém, indicando haver migração interna, visto que 69,84% estão na área de 5 a mais de 30 anos. Os principais motivos que os trouxeram para as margens do rio Curuá-Una, foram: disponibilidade e oportunidade de terra para 62,6% dos entrevistados e porque já existiam laços familiares para 27,4%. Embora 31,6% dos entrevistados tenham declarado não possuir nenhum documento de posse da terra, 28,8% afirmaram ter protocolo do INCRA e outros 30,9% algum recibo ou contrato de compra e venda.

Antes da construção da barragem existiam poucos moradores, sendo que a maioria aparentemente vivia de atividades extrativistas, caça de animais silvestres (entre eles “gateiros”), e um mínimo de pesca e agricultura. Em seu Plano de Gestão Sócio-Patrimonial a Rede CELPA[2]

reporta que até o final da década de 1960 apenas 5 (cinco) famílias habitavam o entorno do reservatório. Por sua vez, em 1982, Vieira[2] afirmara que “a principal atividade econômica estava voltada à criação de gado bovino e culturas de ciclo curto desenvolvidos rudimentarmente.” O rio Curuá-Una não era de grande porte e alguns moradores antigos informaram que esse curso d’água parecia mais um “igarapé grande”. As populações no entorno do reservatório podem ser denominadas de “tradicionais”, com algumas ressalvas. Não se trata de populações “Amazônicas”, propriamente dito, que fazem parte do imaginário popular, pois nem todos se enquadram no perfil preciso do caboclo ou ribeirinho característico dessa região. Não se esperava, por exemplo, encontrar um número tão expressivo de pessoas descendidas de nordestinos ou sulistas. Apesar de ser um fato mais recente para esta área, e em menor escala que se encontra em outros lugares da região, como Altamira, por exemplo, a ocorrência de pessoas provenientes desses locais pode ser atribuída a duas razões. Primeiro, desde o século XIX a Amazônia recebia muitos nordestinos, principalmente cearenses, devido as secas frequentes daquela região e a oportunidade de emprego nos seringais. E vale lembrar que o “boom” da borracha teve dois picos, sendo que o segundo ocorreu durante a segunda grande guerra (1940-45), que por sua vez também atraiu nordestinos à região, os falados “soldados da borracha”. Segundo, as sucessivas frentes de ocupação na região trazem várias levadas de pessoas advindas de outras regiões, conforme o momento histórico da Amazônia que, como o Brasil, passou por vários ciclos econômicos de “boom & bust”. E em tempos recentes somos testemunha do fato que a área geral de Santarém está sendo estruturada para produzir, transportar e exportar soja. Dessa maneira, observa-se uma migração “leap frog” onde uma leva de pessoas sucede outra e penetra mais adiante, mas que também se mistura com a população existente. Os novos empreendimentos também permitiram que os “gaúchos” e outros atores novos se assenhoreassem de determinados trechos, subordinando muitos residentes locais às suas atividades econômicas. Por isso, não se pode enxergar a população existente no entorno do reservatório como uma comunidade tradicional “parado no tempo”, mas, sim, como um fenômeno contínuo que se adapta ao momento.

Para que se possa assegurar às populações no entorno do reservatório um futuro melhor, há que se estender a elas condições de vida que proporcionem as mesmas, autonomia política, estabilidade econômica e fundiária, saúde e segurança. Ficou evidente que os laços familiares e as redes de apoio forjadas entre amigos e parentes nas comunidades do reservatório Curuá-Una são essenciais para sua sobrevivência. São redes que se interligam tanto nas próprias comunidades e que funcionam de maneira intercomunitária. Essas redes também se estendem às cidades, como Santarém e Manaus, aonde os moradores encontram em seus entes uma base de apoio para escoar produtos, mandar seus filhos para a escola, passar férias, tratar da saúde, cuidar de negócios, e outras atividades.

As cidades também servem como um “entrepôt” para as pessoas se deslocarem para outros locais, a busca de emprego e outros empreendimentos.

As redes familiares também são importantes nas trocas e permutas entre seus membros. É comum encontrar uma cooperação na divisão de trabalho e colaboração entre os grupos de família e amigos no sentido de prestar serviço e fornecer bens uns aos outros. Ainda não se sabe, ao certo, se existe um “padrão” de casamento, ou assentamento, mas alguns moradores comentaram que é comum uma família atrair, ou aglutinar, um genro para dentro da família para prestar serviços e cooperar com seu novo grupo familiar.

O tabela 1 apresenta as comunidades estudadas neste primeiro ano de trabalho, o número de famílias e a distância, em linha reta, do reservatório até sede comunitária de cada uma delas. Neste sentido, é possível observar que não ultrapassam a distância 47,9Km.

**TABELA 1**  
**COMUNIDADES ESTUDADAS NA PRIMEIRA ETAPA DO TRABALHO, NÚMERO DE FAMÍLIAS E DISTÂNCIA EM KM DA MARGEM DO RESERVATÓRIO.**

COMUNIDADES	Nº FAMILIAS	KM
Bananeira	12	47,9
São José do Aru	22	39,6
Santa Maria do Aru	24	31,5
Xavier	60	27,9
Tambor	22	25,5
Castanheira	32	24
S. José da Água Branca	20	19,2
Porto Alegre	38	12,6
Poraquê	74	11
Porto Novo	42	3,7
Corta-corda	44	7

A identificação dos *stakeholders*, isto é, atores-chaves ou grupos - de qualquer tamanho, classes ou níveis sociais - com interesses<sup>2</sup> comuns que atuam em instituições/organizações e que afetam ou são afetados pelas políticas, decisões e ações políticas e/ou econômicas, nas comunidades do rio Curuá-Una (on-site) e fora delas (off-site), permitiu definir a tabela 2.

**TABELA 2**  
**“STAKEHOLDERS” IDENTIFICADOS EM CURUÁ-UNA/SANTARÉM**

Nível institucional	“Stakeholders”
Local (“off-site”)	Prefeitura municipal; Pesquisadores; Organizações Não Governamentais (ONG’s); Associações de moradores; Instituições Públicas;
Local (“on-site”)	Comunidades locais; Instituições de pesquisa; Pequeno extrator; Comerciantes; Pecuarista; Médias e grandes Madeireiras; Pequenos produtores familiares; Agricultores de média e grande escala; Sojeiros.

Dentre esses atores sociais, identificados na área, alguns podem ser considerados como “novos atores sociais”, pois faz pouco tempo que chegaram na região, mas já estão

na disputa pelo seu espaço, seja ele territorial, econômico ou político. Dentre eles podemos destacar: os gaúchos, os sojeiros e os madeireiros, que estão implantando na região uma ocupação territorial baseada em produção de grande escala, comprando terras ou negociando comercialização de toras de madeira com as comunidades. Estes atores se configuram no âmbito do poder político e econômico e conquistam relevância no ambiente local, chegando muitas vezes a entrar em conflito com interesses locais. Identificamos nas comunidades de Curuá-Una a existência da figura do presidente da comunidade que geralmente estão ligados a prefeitura. O tempo médio de permanência no cargo seria de 4 anos, porém em comunidades como Porto Alegre os presidentes já está há mais de 10 anos, demonstrando uma espécie de acomodação por parte da comunidade ou dos grupos de interesses locais, que tem a obrigação de transformar os anseios, as necessidades, os individualismos em interesses coletivos e encaminha-los para serem reconhecidos, pois as organizações sociais não irão conseguir sobreviver, se laços de solidariedade não envolverem as lideranças e seus participantes. A idéia e a importância de associação entre os comunitários, está muito ligado ao “trabalhar em união”, “promoção do crescimento da comunidade” e com a legalização da mesma vislumbrando a possibilidade de fazer empréstimo em bancos para aquisição sobretudo de maquinários para agricultura e beneficiamento da produção. No entanto a *idéia de associação* é muito incipiente nas comunidades do rio Curuá-Una, sobretudo na prática, quando observamos a existência de apenas uma comunidade com uma Associação constituída legalmente e construída da dinâmica e vontade dos próprios moradores, mesmo assim enfrentando dificuldades em manter-se, frente a desafios de operacionalização de suas ações. Se formos pensar associação onde algumas características das formas de participação social são parte integrante desta estrutura de Organização. [3].

Em Curuá-Una a maioria dos entrevistados faz parte do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém, porém o caráter reivindicatório não está presente. A busca pelo sindicato foi bem clara: quando vão se aposentar, auxílio maternidade. Não foi possível visualizar esses tipos de participação descritos por Sousa e nem mesmo qualquer tipo de articulação nem que fosse pela luta ao direito às necessidades básicas, e isso só é possível se houver articulações de centros comunitários e associações de moradores. Neste sentido consideramos que os interesses assim como os grupos não estão *dados* na realidade social, nem são *a priori*, definidos, mas são construídos e, por esse motivo, por estarem sempre por fazer-se, por constituir-se, buscaremos entender como foram elaborados os interesses coletivos de uma organização de trabalhadores rurais, enfatizando seus diferentes momentos históricos, seus contextos políticos, socioeconômicos e ambientais em que operam.

O grau de organização ainda tem que ser mais bem estudado, mas nas povoações visitadas existem centros co-

<sup>2</sup> Os interesses referem-se ao conjunto de demandas, reivindicações, projetos e propostas definidos como prioritários para serem negociados com setores privados, mas principalmente com o setor público

munitários e afiliação às igrejas e sindicatos. Nessas organizações os membros das comunidades discutem projetos em comum e debatem suas prioridades. Esses locais são um dos pontos focais na vida dos moradores e servem também para receber visitas de políticos, religiosos, turistas e pesquisadores. Existem lideranças nas comunidades, mas não se sabe, no momento, o grau de articulação que elas tem entre seus moradores e com representantes de fora. Alertamos os membros comunitários que a cooperação e colaboração são essenciais na organização e que eventualmente seria necessário criar mais associações e registrá-las no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ). Dessa forma, suas organizações deixariam de ter um viés informal e seriam legitimadas para efeitos de elaborar projetos e adquirir mais reconhecimento político. Grande parte dos conflitos de caráter sócioambiental ocorrem em função da pré-disposição dos vários atores envolvidos de não aceitar negociar pontos estratégicos. O exercício de mapeamento de uso dos recursos, organização social, associado a observações sistemáticas e participantes, além das reuniões nas comunidades do rio Curuá-Una somado as conversas informais, nos permitem avaliar neste primeiro momento que a existência de conflitos na região se deve mais ao fato da presença de atividade de exploração madeireira, quando da ocorrência de negociações e acordos entre madeireiras e comunidades para exploração de madeira associada a abertura de estradas, quando os comunitários deveriam cada família “pagar” a construção de uma estrada (que lhes facilitaria o escoamento da produção agrícola) com 15 toras de madeira retirada de suas áreas. Esta “negociação” gerou conflitos entre madeireiros e produtores culminando com o assassinato de um dos produtores e a prisão de outros quatro pela polícia de Santarém. Atualmente com a chegada da expansão da soja, a busca por terras está iniciando um processo de ocupação causado pela migração dos que venderam suas e chegam na área trazidos por parentes, o que certamente irá gerar um sobre uso de recursos naturais.

Os conflitos devem ser enfrentados e valorizados como aprendizado. Instrumentos de e mecanismos de participação, devem ser implementados, tais como capacitação da comunidade, socialização das informações, que irão favorecer a prática democrática e tomada de decisões conjuntas.

#### **A- Conflitos Intercomunidades**

Uso dos recursos naturais está diretamente ligado ao conhecimento e estratégias de sobrevivência, no caso do Curuá-Una, tem reflexo também no período de ocupação das comunidades. Parece haver uma relação de poder instalada sobretudo em função dos aspectos econômicos mais que sobre uso de recursos naturais, percebido nas comunidades. Foram realizadas duas reuniões para discutir os principais problemas sobre a caça e a pesca, nas comunidades do São José do Arú e Xavier. Enquanto rio acima a caça está aumentando e a pesca está bem, mais abaixo percebem redução de estoques. Também foi apontado como problema o uso de cachorro americano, que amplia a área

de caça e tende a invadir outras áreas, além de espantar a caça e provocar reduções locais.

O uso dos recursos naturais pelas comunidades do rio curuá-Una, está diretamente ligado a necessidade de subsistência e garantia de sua reprodução social. Concretiza-se a partir do conhecimento do ambiente, da sazonalidade, do mercado, da disponibilidade do recurso, da mão-de-obra e se caracteriza através de atividades de produção e extrativismo. Os principais produtos para a comercialização vêm da atividade agrícola. A caça, a pesca e extrativismo vegetal estão relacionados a manutenção do grupo doméstico. As práticas e usos dos recursos naturais estão relacionadas as condições de acesso, deslocamento e estoque.

#### **C- Mapeamento de uso dos recursos**

Esta atividade foi realizada a partir de reuniões propostas única e exclusivamente para este fim. Estas reuniões começavam com dinâmicas de apresentação, de grupo que permitiam “quebrar o gelo” e diminuir a distancia que instintivamente se instala entre moradores da cidade (“pesquisadores”, “doutores”) e moradores do campo (“que não tem estudos”). As dinâmicas utilizadas objetivavam romper barreiras sócias, culturais econômicas e de gênero (grupos etários ou sexo), proporcionando integração entre os participantes e a equipe.

Em seguida eram repassadas as informações obtidas, nas atividades anteriores, dos próprios moradores, sedimentalizando os conhecimentos. Eram então apresentados elementos novos sobre as atividades a serem realizadas e esclarecidas as dúvidas. Procedia-se então uma explicação das imagens de satélite e mapas a serem utilizados na fase posterior.

Para garantir a familiarização dos moradores com os mapas e com a imagem de satélite, estas eram decodificadas e a partir delas, nomeavam-se os rios, lagos, igarapés, tipos de vegetação e outros acidentes geográficos próximos das comunidades, por eles mesmos definidas. Eram então apresentados aos participantes os ícones que representavam as diferentes atividades exercidas: a caça, a pesca, a roça, as espécies vegetais exploradas, as áreas de onde se retira madeira e outros produtos do extrativismo. Os ícones eram então colados individualmente ou em grupo, na imagem de satélite. Permitindo assim, termos uma visualização da área de uso de cada comunidade, e também que os moradores da região conhecem a área e seus produtos.

A percepção ambiental da população do rio Curuá-Una foi avaliada, tanto na composição do questionário, quanto no momento do mapeamento de uso dos recursos naturais. Há uma crescente preocupação dos moradores quanto a ocupação da área, aumento da população que, segundo eles, estaria afetando diretamente o uso desenfreados de recursos naturais, provocando redução de caça e da madeira.

Pescadores, caçadores, agricultores e comerciantes que tem fortes laços com o “rio” (o reservatório) e a “mata” (a floresta), podem identificar centenas de espécies animais produtivas e relatar como eles as usam como fonte de

alimento, renda e remédios, assim como as espécies problemáticas, que perseguem a criação doméstica, invadem o roçado, ou visagens e espíritos que protegem os estoques. Podem também identificar espécies consideradas ameaçadas de extinção (na lista de espécies ameaçadas da fauna brasileira) ou outras espécies consideradas raras ou extintas localmente. A julgar pelos resultados das entrevistas feitas com os moradores as suas relações com a fauna são ricas e diversificadas. Pessoas nascidas ali ou imigrantes teceram com a fauna local uma rede de relações que vão da criação doméstica aos remédios, da carne ao peixe, dos invasores de roçados as visagens.[4]

#### D- Atividades Econômicas

A maioria da população vive principalmente da lavoura, se identificam como “colônio” sendo que a produção de farinha de mandioca figura como sua atividade principal, servindo como o alimento básico no cardápio regional e um produto comerciável. Nem todos os moradores concordam que seja o produto que “rende mais”, porém, é um dos itens principais na alimentação da população e representa um produto que tem um mercado constante, quer no inverno, quer no verão, apesar da flutuação de preço.

A mandioca, em consorciamento com arroz, feijão e milho, é muito comercializado em Santarém e o acesso rápido e fácil para esta cidade torna a venda desses produtos desejável (e viável) para os moradores no entorno do reservatório. Embora o acesso não seja perfeito, dependendo da condição de estradas vicinais, a criação do reservatório agilizou o transporte, sendo que os moradores dessas comunidades podem ir a Santarém e outras comunidades para tratar de negócios, visitar parentes, cuidar da saúde, mandar suas crianças para a escola, entre outras atividades.

#### E- Repasse de informações obtidas no projeto junto às comunidades

O repasse das informações ocorreu a partir da chegada da equipe às comunidades. Iniciando-se com a apresentação do projeto, quando entregamos as comunidades o texto que o descreve e um painel, relatando as atividades realizadas e as atividades futuras. Objetivando com isso e socializar as informações para todos, para tanto os painéis ficaram expostos nas áreas públicas das comunidades (escola, associações comunitárias). Esta ação foi executada realizando reuniões que foram diferenciadas em cada comunidade de acordo com as características e decisões comunitárias.

#### F- Curso para formação de agentes em desenvolvimento comunitário

O curso contou com a participação de representantes de 12 comunidades localizadas ao longo do rio Curuá-Una e adjacentes. A maioria das comunidades enviou dois representantes, o que proporcionou uma rica discussão sobre as diferentes realidades da mesma região.

O curso foi realizado em uma escola municipal que funciona nas dependências da UHE de Curuá-Una, muito

próxima dos dormitórios e do local onde realizávamos as refeições, facilitando bastante o nosso deslocamento. A metodologia adotada envolveu debates, trabalhos de grupos, plenários e dinâmicas de concentração, relaxamento, integração de acordo com a orientação metodologia do Projeto em si, considerando principalmente a participação e compreensão dos participantes. O curso possibilitou muitos ganhos para as comunidades, além dos conhecimentos repassados. Os participantes resolveram trabalhar em conjunto, ou seja, as comunidades próximas iriam auxiliar umas às outras no momento de transferir à comunidade as informações repassadas no curso. Os homens deveriam mobilizar os homens e as mulheres iriam chamar as mulheres. Uma outra possibilidade discutida entre eles foi a elaboração de um projeto que envolvesse mais de uma comunidade, acreditando que ampliariam as chances de aprovação do projeto e principalmente melhoraria as relações de colaboração entre as mesmas.

As comunidades na área de influência do projeto a muitos anos estão passando por muitas dificuldades de toda natureza, como infra-estrutura, saúde, educação, etc. Atualmente, estão sentindo na pele os efeitos negativos da política equivocada de “desenvolvimento” para a Amazônia. As pressões dos plantadores de soja para ampliar suas áreas, fazem com que vários agricultores sejam obrigados a vender suas terras por preços subvalorizados, sem mencionar os madeireiros.

Em uma avaliação geral do ano 1, percebemos que este Projeto, inserido no Programa de Pesquisa e Desenvolvimento da REDE CELPA, poderá dar uma contribuição significativa para a promoção de uma consciência ecológica a partir da elaboração e posterior execução de Projetos de Desenvolvimento Comunitários em conjunto com os moradores da área do entorno.

## IV. AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos moradores do Rio Curuá-Una, pela acolhida, aos funcionários da Rede Celpa que apoiaram atividades de campo.

## V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### LIVRO

- [1] Champion, Dean. (1981). Basic Statistics for Social Research. Macmillan. New York.

### RELATÓRIO TÉCNICO

- [2] Rede CELPA. (2002). Plano de Gestão Sócio-Patrimonial Reservatório Curuá-Una. CELPA. Belém.
- [4] Rebelo, George Henrique (2003)- Relatório de Consultoria sobre manejo de Caça e Pesca, no Rio Curuá-Una.

### PERIÓDICO NÃO PUBLICADO

- [3] Forline, Louis & L. Furtado. (2003) Novas Reflexões para o Estudo das Populações Tradicionais na Amazônia: por uma revisão de conceitos e Agendas Estratégicas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia**. No prelo.